"Corações"

Philip Roth e a História Judaica: uma relação em movimento

Dora Landa

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo.[1]

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar alguns aspectos da obra de Philip Roth em que a temática judaica é o eixo principal. Para se aproximar de recentes situações traumáticas da história judaica, em especial o Holocausto Judeu na Segunda Grande Guerra, Philip Roth precisou adotar recursos narrativos que lhe permitissem ampliar seu raio de visão, evitando estereótipos e generalizações infrutíferas. Em **Operação Shylock** encontramos um duplo impertinente e exasperante proclamando uma absurda solução para o conflito no Oriente Médio. Em **O Avesso da Vida** parte-se de uma situação absurda: um judeu morto nos Estados Unidos ressurge vivo num assentamento judaico na Cisjordânia e lutando pelo "Grande Israel". Esses recursos possibilitaram uma abordagem inusitada da tensa relação árabe-israelense. Mostraram-se também fontes valiosas para a análise do sempre polêmico posicionamento do autor diante de sua condição judaica.

Palavras-chaves

Situações traumáticas - Holocausto Judeu - Recursos narrativos - relação árabe-israelense - condição judaica.

Abstract

This paper aims to analyze some aspects of Philip Roth's work in which the Jewish theme is the main axis. In order to get closer to recent traumatic situations of the Jewish history, especially the Jewish Holocaust during the Second World War, Philip Roth had to use narrative resources that allowed him to broaden his point of view, avoiding stereotypes and fruitless generalizations. In **Operation Shylock** we find an impertinent and exasperating double that heralds an absurd solution for the Middle East conflict. In **The Counterlife**, the point of departure is an absurd situation: an American Jewish dead character reappears alive in a Jewish settlement in the West Bank, and fighting for the "Great Israel". Such resources enable a unusual approach for the tense Arab-Israeli relationship. They also acted as valuable sources for the analysis of the ever polemic positioning of the author towards his Jewish condition.

Keywords

Traumatic situations - Jewish Holocaust - narrative resourses - Arab-Israeli relationship - Jewish condition.

Alguns críticos (também) dizem que meu trabalho fornece "combustível" para o antissemitismo. Estou certo de que essas acusações serão feitas novamente embora o fato é que (e eu penso que há até uma pista para isso em minha ficção) tenho me sentido mais satisfeito com minha boa sorte de ser judeu do que meus críticos possam imaginar. É uma experiência muito singular, e eu gosto disso. Situo-me na condição histórica de ser judeu, com todas as suas implicações.[2]

Philip Roth

Esta declaração de Philip Roth foi feita em 1969, ano do lançamento de seu polêmico livro **O Complexo de Portnoy**. Na época o autor foi acusado de antissemitismo, pois teria retratado Alexandre Portnoy, o angustiado narrador de seu romance, como um judeu lascivo, portador de uma sexualidade perversa e linguajar obsceno. Essa caracterização, segundo seus interlocutores mais enraivecidos, estaria de acordo com a imagem nazista do judeu: o corruptor da sociedade ariana pura. Quando da publicação de seu livro de contos **Adeus, Columbus,** em 1959, Philip Roth já havia sido acusado por setores do rabinato de fornecer combustível ao antissemitismo ao eleger, como personagens principais de seus contos, judeus que adotaram condutas "odiosas". Nos contos "Epstein" e "O Defensor da Fé" deparamos com um judeu adúltero e com um judeu aproveitador e malicioso respectivamente. A reação do rabinato foi intensa e Philip Roth foi chamado a dar explicações para a Liga Antidifamação da B'nei Brith, muito atuante nos Estados Unidos. Com a publicação de **O Complexo de Portnoy**, somaram-se à legião de críticos intelectuais respeitáveis como Irwing Howe e Gershom Sholem.

A polêmica em torno de seus escritos marcou tão profundamente o autor que ele se sentiu motivado a refletir sobre o fato em livros como **Reading Myself and Others** *e* **The Facts – A Novelist's Autobiography**.

Inicialmente Philip Roth adotou um tom mais enfático, em muitos momentos irônico, para revidar as acusações de seus interlocutores. Ressaltou que não estava retratando em seus escritos o judeu mas aquele judeu que, como qualquer ser humano, está sujeito a cometer adultério ou adotar posturas odiosas. O autor percebeu que estava no centro de um furacão composto por palavras e estereótipos usados à exaustão e que, num passado recente, tinham alimentado a máquina de extermínio nazista.

Assim, ao ser perguntado por um de seus leitores se adultério não seria uma característica judaica, Roth respondeu:

> Quem disse isso? Anna Karenina cometeu adultério com Vronsky, com consequências mais desastrosas que (o adultério de) Epstein. Quem pensaria em perguntar: "Isso é uma característica russa"? (Adultério) é decididamente uma possibilidade humana (ROTH, 2001, p. 196).[3]

Por outro lado, setores do rabinato afirmavam que Philip Roth estaria criando uma "imagem distorcida dos valores básicos do judaísmo ortodoxo" e conclamaram o autor a procurar fazer um "retrato balanceado dos judeus" (ROTH, 2001, pp. 193-8).

Roth lançou mão, naquele momento, de outros exemplos da literatura mundial para contra-argumentar: alguém pensaria em pedir a Dostoievsky um retrato balanceado dos estudantes russos, já que em **Crime e Castigo** um estudante mata uma velhinha; ou exigiria de Vladimir Nabokov um retrato balanceado dos adolescentes, já que Lolita seduz um homem mais velho? (Idem, pp. 199-200). Conclui sua linha de raciocínio com uma declaração de princípios que norteia seu fazer literário até os dias de hoje:

> (A) ficção não é escrita para afirmar princípios e crenças que todos parecem ter, nem ela procura garantir a adequação de nossos sentimentos. O mundo da ficção, de fato, nos liberta das limitações sociais aos sentimentos; uma das grandezas da arte é que ela permite, tanto para o escritor como para o leitor, responder às experiências de maneiras não disponíveis em nosso dia-a-dia.
>
> (...) Podemos nem mesmo saber que temos essa gama de sentimentos e respostas **até** que entramos em contato com eles através da ficção (ROTH, 2001, p. 195).[4]

A partir dessa concepção de literatura, Philip Roth tem sido capaz de abordar temas complexos e criar um estilo rothiano perfeitamente identificável. Ironia e humor permeiam toda sua obra, mas o autor soube diferenciar temas em relação aos quais era preciso utilizar outras abordagens.

Em **Operação Shylock - uma confissão** adota um recurso literário clássico: a presença do duplo interagindo de forma exasperante com o narrador. Um falso Philip Roth está em Jerusalém apregoando uma solução absurda para o conflito no Oriente Médio. O duplo acredita que para se evitar um segundo Holocausto Judeu, agora ocasionado pela bomba nuclear árabe, é preciso que os judeus ashkenazitas voltem para a Europa (para a Polônia, Romênia, Alemanha) onde seriam recebidos de braços abertos ao som das palavras: "nossos judeus voltaram!" Argumenta com o narrador Philip Roth que a longa história judaica na Europa não pode ser confundida com os "poucos" doze anos do reinado de Hitler. Essa afirmação absurda faz com que o narrador, agora exasperado, exclame:

> Aqueles doze anos **não podem** ser mais expurgados da história do que apagados da memória (...) o significado da destruição dos judeus europeus não pode ser medido ou interpretado pela brevidade com que foi realizada (ROTH, 1994a, p. 39) [grifo meu]. [5]

Em um artigo para o *New York Times Book Review* intitulado "A Bit of Jewish Mischief", Philip Roth declarou que a impertinência do duplo em **Operação Shylock** e a exasperação do narrador diante dela permitiram que ele próprio percebesse a exasperação que causara a seus interlocutores com sua impertinência (cf. SAFER, 2003, p. 109).

Assim, ao se colocar na pele de seus leitores judeus, irritados com a caracterização de Alexandre Portnoy, passados apenas vinte anos do término da Segunda Grande Guerra, foi possível ao autor compreender seus pontos de vista. Havia ali uma ferida aberta e ela é explicitada na fala do narrador; ou seja, os doze anos do reinado de Hitler foram longos e intermináveis anos em que a barbárie imperou e um massacre industrializado ocorreu.

Numa outra passagem de **Operação Shylock**, um advogado tenta convencer o narrador de que os métodos utilizados por Israel para conter a primeira Intifada palestina são os mesmos métodos utilizados pelos nazistas. O advogado faz referência especificamente à autorização, dada por Itzhak Rabin, para que se quebrassem os ossos dos palestinos insurgentes. O narrador se surpreende com suas palavras, que saem num turbilhão incontrolável. Ele diz: "Escute, os nazistas não quebravam mãos, eles praticavam aniquilamento industrial de seres humanos. Fizeram da morte um processo de manufatura. Por favor, nada de metáforas onde há registro histórico!"(ROTH, 1994a, p. 128).[6]

Assim, a narrativa, que parte de uma proposta absurda, permite uma aproximação diferenciada de fatos traumáticos. Permite também que saibamos mais precisamente por que a proposta do falso Philip Roth é absurda: o massacre do judaísmo europeu foi tão grave, adquiriu formas tão horrendas, que não há retorno possível. A frase "nossos judeus voltaram!" torna-se, nesse contexto, risível, mas permite ao narrador Philip Roth e ao autor Philip Roth seguirem pensando sobre a complexa condição judaica.

Para Aharon Appelfeld, escritor em língua hebraica, sobrevivente do Holocausto e grande amigo do autor, os judeus de Philip Roth são judeus sem judaísmo. Appelfeld afirma:

> Não encontramos na ficção de Philip Roth a filosofia judaica, as tradições, o misticismo, a religião ou a discussão sobre quem é judeu. Encontramos nela aqueles que acreditam em seu judaísmo e aqueles para os quais o judaísmo não tem nenhuma importância (APPELFELD, 2004, p. 89).[7]

Eu acrescentaria que encontramos na ficção de Philip Roth judeus que acreditam e não acreditam em seu judaísmo ao mesmo tempo; emocionam-se e enraivecem-se com os mesmos componentes do judaísmo, redimensionados por condições políticas que tornam, por exemplo, a situação no Oriente Médio extremamente perigosa.

O Estado de Israel é um marco referencial importantíssimo. Após os "poucos" doze anos do reinado de Hitler, segundo o duplo de Philip Roth, ao longo dos quais foi se configurando que o único lugar reservado para os judeus eram os fornos crematórios, a criação de um espaço geográfico onde os judeus poderiam viver e não morrer tem um valor simbólico muito grande. Porém, após sessenta anos desse evento, e a cronificação do conflito com os palestinos, o fanatismo religioso de ambos os lados surge em primeiro plano, com toda a sua periculosidade.

Philip Roth defrontou-se com esse problema à sua maneira. Criou em **O Avesso da Vida** uma narrativa desestabilizadora que permite a apreciação de vários ângulos de uma mesma questão: a enorme tensão existente na sociedade israelense, examinada para além dos clichês e discursos ideológicos.

Nathan Zuckerman, o narrador, é um intelectual, agnóstico que não tem o judaísmo como eixo central de sua vida. Entretanto, algo inusitado ocorre: seu irmão Henry, dentista bem-sucedido, casado, com dois filhos, uma amante e perfeitamente adaptado à sociedade norte-americana, morre numa mesa cirúrgica. Com problemas cardíacos, Henry tomava uma medicação que causava, como efeito colateral, impotência genital. Para se desvencilhar da medicação, submete-se a uma cirurgia cardíaca corretiva mas morre durante a cirurgia. Porém, no capítulo seguinte à descrição de seu funeral, Henry ressurge vivo em Israel como um colono judeu na Cisjordânia, potente, lutando pelo "Grande Israel". Nathan Zuckerman assume então a tarefa de ir a Israel e resgatar seu irmão do "obscurantismo". A partir desse mote inicial, absurdo, Philip Roth cria uma narrativa em que partes e contrapartes de uma sociedade, ou de um único indivíduo, podem aparecer e suscitar uma reflexão mais aprofundada.

Assim, Nathan Zuckerman, tão racional e agnóstico, percebe-se emocionado diante de um muro de pedras: o Muro das Lamentações. Ao emocionar-se, transmite ao leitor a percepção de que aquele conjunto de pedras simboliza elementos muito profundos da história judaica, como "transitoriedade, resistência, destruição e esperança"(ROTH, 2008, p. 98).

Mas, esse mesmo Muro das Lamentações que emocionou Nathan Zuckerman é fonte de infinitas discussões sobre quem tem mais direito àquelas terras ou a paralelismos entre a situação no Oriente Médio e a perseguição nazista. O narrador entrará em contato com disputas verbais aguçadas e intempestivas, especialmente com o mentor intelectual de seu irmão, o rabino Lippman. Ficará tão afetado por elas que, num determinado momento, sente que "a linguagem não é mais seu domínio"(ROTH, 2008, p. 149).

Uma dessas disputas verbais se dá na biblioteca do rabino Lippman, de origem alemã. Único sobrevivente do Holocausto em sua família, trouxe para Israel livros da biblioteca do avô. O rabino exibe ao narrador obras-primas da literatura encadernadas em couro, colecionadas em Berlim por seu avô, "um célebre filólogo morto na câmara de gás, em Auschwitz"(ROTH, idem, p. 136). São textos de Shakespeare, Cervantes, Dante, todos desprezados por Lippman. Ele se pergunta de que adiantou toda aquela cultura para os "sãos, precisos, razoáveis e lógicos judeus alemães" pois são hoje "um monte de cinzas"(ROTH, idem, p. 124).

O que Lippman estaria dizendo é que de nada servem livros e cultura diante do inimigo; melhor seria portarmos uma pistola e eliminá-lo. É uma afirmação discutível e certamente muito perigosa. Porém, o outro lado dessa moeda é a possibilidade de encararmos um fato traumático: a facilidade com que o nazismo destruiu, num curto espaço de tempo, marcos civilizatórios duramente conquistados. Com isso, transformou seres humanos em massas brutalizadas, envolvidas num turbilhão de palavras que perderam seu significado ou que passaram a ter uma única significação: a eliminação do outro.

Um exemplo dessa brutalização e enrijecimento está personificado em John Demjanjuk (ou Ivã, o terrível). Esse personagem histórico está ficcionalizado em **Operação Shylock**, encaixando-se perfeitamente no jogo de duplos que a obra propõe. Isso porque em 1988, ano em que se passa a narrativa, Demjanjuk estava sendo julgado em Jerusalém. O senhor de sessenta anos, avô dedicado e perfeitamente integrado à sociedade americana, negava ser o carrasco nazista responsável por torturas e mortes de judeus em Treblinka. Philip Roth e seu duplo assistiram ao julgamento onde travaram uma intensa batalha particular. Ao final, a corte suprema de Jerusalém considerou Demjanjuk inocente a partir de uma "dúvida razoável" em torno de sua identidade.

Mas, o passado ainda assombra com seus horrores e números estarrecedores. Recentemente Demjanjuk foi extraditado dos Estados Unidos para a Alemanha. Está sendo julgado novamente e comprovou-se sua identidade. Ele não é o carrasco nazista de Treblinka - onde mais de oitocentas e setenta mil pessoas foram mortas – mas de Sobibor, onde promotores afirmam que pelo menos duzentos e cinquenta mil judeus foram mortos![8]

Philip Roth através de sua ficção caminha na direção oposta. Cria através dela um sentido que hesita, para não cair nas armadilhas das posições enrijecidas. Seus narradores têm dúvidas, são e não são judeus, integram-se e não se integram à sociedade. Para exacerbar essa hesitação, há personagens que morrem e renascem ou duplos que falam absurdos.

Retorno agora à afirmação de Aharon Appelfeld – a de que os judeus de Roth são judeus sem judaísmo. Eu acrescentaria que são judeus diante de um judaísmo modificado por um extermínio em escala industrial e a criação de um Estado a partir dessa aniquilação quase total. Esses fatos criaram para Philip Roth um dilema moral no sentido de que ele se vê compelido a retratá-los mas, evidentemente, a partir de sua visão de mundo.

Assim, ele se coloca a favor do direito de existir de um povo perseguido e quase aniquilado totalmente, mas sem idealizá-lo. Em relação a algumas figuras desse povo, sua admiração e respeito são amplamente explicitadas, como em relação a Aharon Appelfeld[9], ao passo que manifesta o profundo desgosto que sente em relação a atitudes preconceituosas e claustrofóbicas desse mesmo grupo.

A partir dessas duplicidades, explicitadas em sua ficção em diversas formas literárias, Philip Roth cria uma literatura densa, não confortadora ou tranquilizadora. Mas, não será essa a grande literatura?

Notas

1 Sob orientação da Profa. Dra. Berta Waldman.

2 Tradução minha. No original: "Some critics (also) say that my work furnished "fuel" for anti-semitism. I'm sure these charges will be made again – though the facts is (and I think threre's even a clue to this in my fiction) that I have always been far more pleased by my good fortune in being born a Jew than my critics may begin to imagine. It's a complicated, interesting, morally demanding, and a very singular experience, and I like that. I find myself in the historic predicament of being Jewish, with all its implications" (in: ROTH Philip, "On Portnoy's Complaint". In: **Reading Myself and Others**. New York: Vintage International, 2001, pp. 17-18).

3 Em "Writing about Jews", do livro **Reading Myself and Others**. No original: "Who said it was? Anna Karenina commits adultery with Vronsky with consequences more disastrous than Epstein brings about. Who thinks to ask: 'Is it a Russian trait?' It is decidedly human possibility".

4 No original: "Ficition is not written to affirm the principles and beliefs that everybody seems to hold, nor does it seek to guarantee the appropriateness of our feelings. The world of fiction, in fact, frees us from the circunscriptions that society places upon feeling, one of the greatnesses of the art is that it allows both the writer and the reader to respond to experience in ways not always available in day-to-day conduct.[…] We may not even know that we have such a range of feelings and responses **until** we have come into contact with the world of fiction" [grifo meu].

5 No original: "Those twelve years **cannot** be expunged from history any more than can be obliterated from memory (...) the meaning of the destruction of European Jewry cannot be measured or interpreted by the brevity with which it was attained" [grifo meu](In: ROTH, 1994b, p. 47).

6 No original: "Look, Nazis didn't break hands. They engaged in industrial annihilation of human beings. They made a manufactoring process of death. Please, no metaphors where is recorded history!" (ROTH, 1994b, p. 142).

7 Tradução minha. No original: "Dans les fictions de Philip Roth, on ne trouve guère de philosophie juive, de traditions, de mysticism, de religion ou de discussion sur qui est juif ou ce que c'est que d'être juif. Il y en a qui son fiers de leur judaïsme et ceux pour lesquels cela n'a aucune importance"

8 Fonte: "Começa o julgamento do nazista ucraniano – Demjanjuk é acusado de colaborar no assassinato de 27,9 mil judeus", In: **O Estado de São Paulo**. Internacional, A14. 01/12/2009.

9 A esse respeito, leia-se a conversa de Philip Roth com esse autor presente no livro **Entre Nós** publicado em 2009 pela Companhia das Letras, com tradução de Paulo Henriques Britto.

Referências

APPELFELD, Aharon. "L'artiste en tant qu'écrivain juif (1988 – extrait). Reading Philip Roth – Dossier Philip Roth". In: **Transfuge, Le Magazine de Littérature Étrangere**, nº 4, septembre, 2004, p.89.

O Estado de São Paulo. "Começa o julgamento do nazista ucraniano – Demjanjuk é acusado de colaborar no assassinato de 27,9 mil judeus". In*: Internacional*, A14. 01/12/2009.

ROTH, Philip. **Reading Myself and Others**. New York: Vintage International, 2001.

_____. **O Complexo de Portnoy.** Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. "Epstein". In: **Adeus, Columbus**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 193-220.

_____. "O Defensor da Fé". In: **Adeus, Columbus**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 155-192.

_____. **The Facts – A Novelist's Autobiography**. New York: Vintage International, 1997.

_____. **Operação Shylock - uma confissão**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a.

_____. **Operation Shylock - a confession**. New York: Vintage International, 1994b.

_____. **O Avesso da Vida**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. "Conversa em Jerusalém com Aharon Appelfeld.". In: **Entre Nós**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 27-48.

SAFER, Elaine. "The Double, Comic Irony and Postmodernism in *Operation Shylock*". In: **Philip Roth**, **Edited and with an Introduction by Harold Bloom**. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003. pp. 101-118.